

CRIANÇAS ENTRE FLORES E GUERRAS

Lucas Bitencourt Silveira¹, Mariano Domingos do Nascimento², Lídia Maria Nazaré Alves³, Ivete Monteiro de Azevedo⁴,

¹Graduando de Letras, UEMG (Unidade de Carangola), lucasls1789@gmail.com

²Graduando de Letras, UEMG (Unidade de Carangola), marianodomingos@live.com

³Doutora em Letras, UEMG (Unidade de Carangola), lidianazare@hotmail.com

⁴Doutora em Letras, UEMG (Unidade de Carangola), ivete.azevedo@uemg.br

Resumo: Este artigo é fruto das pesquisas desenvolvidas no Projeto de Pesquisa e Extensão, neste ano, 2017, financiadas pelo PAPq, na UEMG, Unidade de Carangola e tem como objetivo analisar a obra infantojuvenil “O Menino do Dedo Verde”, do renomado escritor francês, Maurice Druon (2004), tendo em vista o papel fundamental que a literatura, em especial, infantojuvenil, por meio da ecocrítica, exerce na formação do pensamento crítico do ser humano, visando o ambiente escolar, a fim de discutir melhores propostas para a aquisição de conhecimento e ampliação das habilidades linguísticas dos alunos, com base nos PCN (1998) de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental. Para integrar o escopo teórico deste trabalho, os seguintes autores foram escolhidos: Ercília Macedo (1978), Bruno Bettelheim (2002), Tufano (1948), Mello e Cunha (2008) e Menezes (2012).

Palavras-chave: literatura infantil; identidade; ecocrítica; sociedade.

Área do Conhecimento: Literatura, Letras, Artes

1 INTRODUÇÃO

Abordaremos, neste artigo, a literatura infantil em si, e seu importante papel para a identidade dos indivíduos, ao analisarmos a obra “O Menino do Dedo Verde”, do autor francês, Maurice Druon (2004), buscando evidenciar o objetivo proposto pelo autor ao escrevê-la. Para integrar o escopo teórico deste trabalho, os seguintes autores foram escolhidos: Ercília Macedo (1978), Bruno Bettelheim (2002), Tufano (1948), Mello e Cunha (2008) e Menezes (2012), tendo em vista, evidenciar o papel fundamental que a literatura, em especial, infantojuvenil, por meio da ecocrítica, exerce na formação do pensamento crítico do ser humano, sobretudo, em âmbito escolar, tendo como princípio discutir melhores propostas para a aquisição de conhecimento e ampliação das habilidades linguísticas dos alunos, com base nos PCN (1998) de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental.

A obra de Druon (2004), “O Menino do Dedo Verde”, publicada pela primeira vez em 1957, caracteriza-se por seu cunho filosófico e sociológico, uma vez que se preocupa em transmitir ensinamentos valiosos por meio da visão de mundo de uma singela criança que em meio às mazelas da sociedade mostra-se indiferente e busca pela mudança de um mundo melhor. A criança em questão é Tistu, personagem principal, um menino pequeno que possuía oito anos, mas que, apesar de sua idade e tamanho, era dotado de uma enorme sabedoria que surpreendia a todos os que tinham o prazer de conhecê-lo. A personagem é movida por sentimentos próprios de bondade que a faz interceder com seu dom especial de fazer florescer, com seu pequeno polegar, tudo o que tocava, propondo a reflexão ao leitor sobre como suas pequenas atitudes podiam transformar de forma grandiosa a realidade. Tistu é uma criança que possui um olhar diferente sobre um mundo marcado pela violência, miséria, poluição e guerras; sua insatisfação e sua maneira de agir, diante dos problemas encontrados que o cerca, são tratadas, ao longo da narrativa, de forma encantadora, de maneira simples e poética.

2 REVISÃO DOS CONCEITOS

A literatura é a porta de entrada para o mundo. Através da literatura, é possível sentir emoções e se projetar aos mais diferentes lugares do mundo, utilizando somente a imaginação. A literatura permite ao leitor refutar suas teorias, questionar a realidade que o cerca, ampliar o seu olhar crítico, adquirir conhecimentos e viajar em um conceito amplo da arte. “Literatura é a expressão de uma certa concepção da realidade interior ou exterior do artista, fruto de sua experiência pessoal,

transmitindo assim um conhecimento individual dessa realidade” (TUFANO, 1948, p. 10). Existem os mais variados tipos de literatura e estes são voltados para os diferentes públicos, seguindo de geração a geração e adequando-se à sociedade, aos seus interesses e às suas necessidades, que estão sempre em constante mudança. A respeito da literatura infantil, esta surge no momento em que as preocupações sociais se voltam para as crianças, seja direta ou indiretamente, por meio de histórias moralizantes que veem a criança como um pequeno adulto, a fim de moldá-lo e prepará-lo para lidar com os conflitos existentes na sociedade, desde muito cedo.

2.1 REVISÃO DA LITERATURA

Este artigo tem como objetivo discutir e analisar os preceitos encontrados nas obras literárias que são relevantes para a formação do ser humano na construção de sua própria identidade e fundamenta-se, principalmente, nas concepções da autora Ercília Macedo (1978). A escritora, também professora, ao analisar a obra infantil “O Menino do Dedo Verde”, ressalta problemas como o desajustamento, agressividade, guerra, miséria e a poluição, a que Maurice Druon (2004) se refere, defendendo a ideia de que a personagem principal representa a necessidade de mudança desta realidade, e evidencia, assim, o papel importante que as obras infantis possuem para o pensamento crítico dos leitores. Outro teórico que também colabora para a fundamentação deste artigo é Bruno Bettelheim (2002) ao discutir que obras infantis, em especial os contos de fada, contribuem para a formação da criança e para o entendimento sobre os problemas interiores dos seres humanos. Para Bettelheim (2002), a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida e, através da literatura infantil, isso se torna possível.

2.1.1 LITERATURA E IDENTIDADE

De acordo com Bettelheim (2002), a vida é frequentemente desconcertante para as crianças, elas precisam ter a possibilidade de se entender para que possam aprender a lidar com elas mesmas diante da complexidade do mundo que as cercam. Para o autor, as crianças devem receber ajuda para que possam dar algum sentido coerente aos seus turbilhões de sentimentos. Necessitam de ideias sobre a forma de colocar ordem em suas casas interiores e, com base nisso, serem capazes de criar ordem em suas vidas. O autor indica que os contos de fadas são capazes de oferecer novas dimensões à imaginação das crianças que elas não descobririam, verdadeiramente, por si só, ressaltando que a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens às crianças com as quais elas podem estruturar seus devaneios e, com eles, dar uma melhor direção às suas vidas. Segundo Bettelheim (2002, p. 4):

A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa.

Seguindo a visão de Bettelheim (2002), chega-se a conclusão de que a literatura exerce um papel mais do que influenciador na identidade do ser humano, pois é capaz de proporcioná-lo a sua autonomia social, estimulá-lo ao conhecimento e fazê-lo refletir sobre seu pensamento a respeito do mundo e de si mesmo.

2.1.2 LITERATURA NO CONTEXTO ESCOLAR

Enquanto professores, mediadores de conhecimento, podemos perceber que a literatura está cada vez mais “impregnada” aos diferentes contextos pedagógicos, assim, facilitando a disciplinarização do estudo da literatura. As obras são tratadas como integrantes de um feixe de conhecimentos que o aluno precisaria dominar para estar apto a seguir para a série seguinte, em que o nível se aprofundaria. Para Silva (1985), a historiografia, centrada na periodização e estilos de época, norteia o processo, apresentando ao docente um conteúdo padronizado, que precisa ser cumprido dentro dos respectivos bimestres. Como essa consideração da literatura está fadada a se ocupar da análise formal de fontes escritas, seu uso nas escolas acaba privilegiando, além dos conteúdos “literários” citados, o estudo da língua. Conforme Mello e Cunha (2008) ressaltam:

Textos literários são apresentados nos manuais didáticos de forma fragmentada, no caso de romances e contos, ou na íntegra, com poemas e crônicas, que são maioria, por serem curtos. O uso que se faz deles é voltado à interpretação de textos, à metalinguagem, ao estudo da gramática

normativa. Dessa forma, em ambos os casos, a leitura literária “em si” está ausente do currículo escolar (MELLO; CUNHA, 2008, s/n).

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), de 1998, relacionados com o ensino de Língua Portuguesa, ressaltam a necessidade da mediação do professor no ensino de língua, apresentando a relevância de se considerar a bagagem contextual linguística do interlocutor na interlocução. Além disso, valorizam o ambiente da sala de aula como um espaço de reflexão e de contato com o sistema linguístico do outro. Na organização do ensino, é imprescindível que o docente possua os instrumentos necessários para que se possa alcançar o desenvolvimento das competências e habilidades de seus alunos, contribuindo, assim, para o avanço necessário.

De acordo com os PCN (1998), espera-se que o aluno seja receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, através de leituras que o desafie para sua condição atual, de modo que se apoie em marcas formais do próprio texto ou em orientações oferecidas pelo professor. Ao tratar de “objetivos de ensino”, são citadas capacidades que precisam ser trabalhadas em sala de aula com os alunos, como a escuta de textos orais, leitura de textos escritos e produção de textos orais e escritos, para que, dessa forma, melhorem suas habilidades linguísticas. O professor que apresenta os mais variados tipos de textos literários aos alunos está, positivamente, ampliando suas possibilidades de uso da linguagem e permitindo a aquisição do conhecimento por meio deste contato.

Sobre a Didática dos Conteúdos, os PCN (1998) enfatizam a necessidade de avaliações dos métodos trabalhados em sala de aula, com a razão de buscar sempre melhorias no ensino em geral, assim como, verificar se os objetivos esperados para as aulas estão sendo atingidos. Desse modo, é preciso que os conteúdos selecionados atendam às necessidades dos alunos, a fim de que as atividades trabalhadas possam contribuir positivamente para a formação destes e o desenvolvimento das capacidades pretendidas seja possível. Mediante a isso, cabe também ao aluno mostrar interesse pelo que ainda não sabe e, também, ao professor apresentar-se disponível a ajudá-lo, para que as metas de ambos sejam alcançadas e os conteúdos sejam apreendidos de forma plena e satisfatória.

Os PCN (1998), além de apresentarem a importância do estudo dos gêneros por si só, sugerem, ainda, o trabalho com conjuntos de gêneros que sejam relevantes para a vida cotidiana dos discentes, dos quais eles farão uso em seu dia a dia, tanto em atividades orais, quanto escritas. O trabalho com a literatura se faz por meio de metodologias que identifiquem o “horizonte de expectativa” dos alunos, para, a partir dele, ampliar os conhecimentos teóricos para uma compreensão mais aprofundada do fenômeno da leitura. Na visão de Mello e Cunha (2008):

[...] não se trata de abandonar o conhecimento e deixar que os alunos apenas leiam espontaneamente; é o professor que, conhecedor de sua clientela, deve dosar a quantidade e a qualidade do conteúdo de teoria da literatura, de história geral, de historiografia literária, de crítica, a ser trabalhado a partir das leituras literárias realizadas, a fim de que, gradativamente, o aluno afine sua sensibilidade estética (MELLO; CUNHA, 2008, s/n).

É necessário repensar o ensino da literatura, considerando suas dimensões culturais e sociais, voltado para a vida dos aprendizes. A partir da escola, pode haver incentivos no papel das bibliotecas, tendo-as como espaços de vivência da leitura, de uso do livro e outros bens culturais. É necessário valorizar a cultura como uma necessidade para a formação humana dos sujeitos e ter um olhar altamente crítico com relação ao percurso dos estudos literários, que pode ter prejudicado a presença da literatura na vida escolar.

2.1.3 LITERATURA E ECOCRÍTICA

Os estudos no campo da literatura, denominados de ecocrítica, envolvem questões que abordam as formas como a natureza é representada no texto literário, o papel do espaço físico no discurso e os conceitos implicados em uma leitura que analisa a representação da natureza e do homem no mundo.

A ecocrítica possui um olhar que expande o conceito de ecologia ambiental, preocupando-se, também, com as relações sociais, questões políticas, culturais e a subjetividade do ser humano, sem estar somente ligada aos movimentos ecológicos, portanto, o termo “ecocrítica” refere-se a um estudo que pode ser considerado como interdisciplinar, pois não caminha de forma isolada. Por meio da literatura, a mudança de pensamento é priorizada sobre o espaço ambiental, de modo que o ser humano passe a enxergá-lo de maneira diferente e agregue a ele o seu devido valor.

A literatura, de forma geral, vem se intensificando em produção de obras que retratam a importância da preservação ambiental e de uma consciência ecológica que assinalam para a necessidade da harmonia entre homem e ambiente natural. Além disso, essa literatura é encarada como um sistema vivo de obras que agem sobre o leitor e se revela como mais um instrumento para que sejam trabalhados os valores ambientais na sociedade e, de forma mais específica, nas instituições escolares, contribuindo, assim, para a formação de um sujeito comprometido com o espaço onde habita.

3 ANÁLISE DA OBRA “O MENINO DO DEDO VERDE” E O PAPEL DA ECOCRÍTICA NO TEXTO LITERÁRIO

A belíssima obra “O Menino do Dedo Verde”, de Maurice Druon (2004), publicada pela primeira vez em 1957, desperta e resgata sentimentos nobres acerca da vida de forma poética. De cunho social e filosófico, a obra preocupa-se em transmitir ensinamentos valiosos por meio da visão de mundo de uma singela criança que em meio às mazelas da sociedade mostra-se indiferente e busca pela mudança de um mundo melhor. A criança em questão é Tistu, personagem principal, um menino pequeno que possuía oito anos, mas que, apesar de sua idade e tamanho, era dotado de uma enorme sabedoria que surpreendia a todos os que tinham o prazer de conhecê-lo. A personagem é movida por sentimentos próprios de bondade que a faz interceder com seu dom especial de fazer florescer, com seu pequeno polegar, tudo o que tocava, propondo a reflexão ao leitor sobre como suas pequenas atitudes podiam transformar de forma grandiosa a realidade.

Os cabelos de Tistu são descritos como louros e crespos na ponta como raios de sol que terminassem num pequeno cacho ao tocar na terra. Tistu tinha grandes olhos azuis e faces rosadas e macias. Sr. Papai, seu pai, era um homem bastante vaidoso, dono da fábrica de canhões da cidade de Mirapólvora, tinha os cabelos negros cuidadosamente fixados com brilhantina e não se via grão algum de poeira na gola do seu paletó. Dona Mamãe, mãe de Tistu, tinha as unhas vermelhas como pétalas de rosa, face macia como a pele das flores e seu cheiro assemelhava-se ao perfume de um buquê. Tistu era um garoto imensamente feliz que morava em uma casa impecável, grande, cercada de beleza, riqueza, brilho, perfume e felicidade, de muitos andares, cuja população da cidade de Mirapólvora apelidava de Casa-que-Brilha; e recebeu de sua mãe a educação básica que precisava para ser capaz de ler, escrever e contar. A mãe de Tistu, após se dar conta de que já havia ensinado ao filho tudo o que podia, decidiu confiar-lhe às mãos de um professor de verdade; porém, Tistu não se adaptou aos métodos de ensino da escola, porque as aulas e os livros causavam-lhe sono e o fazia dormir, motivo esse responsável pela sua expulsão.

Segundo a autora Ercília Macedo (1978), em seu artigo “O Menino do Dedo Verde: temática e simbologia”, a personagem Tistu está estruturada na afiliação social com certa carga de ironia no que se refere ao sistema de educação fixado e estabelecido pela sociedade a que serve. O posicionamento da personagem revela para o leitor pontos que podem ser levantados e discutidos acerca das didáticas atuais que vigoram nas escolas que se não forem adaptadas às particularidades dos alunos poderão ter como retorno resultados insatisfatórios e inesperados de aprendizagem. É preciso metodologias que sejam capazes de envolver os alunos ao saber de forma eficaz, partindo do pressuposto de que estes são seres concretos, com histórias, opiniões e modo de agir diferentes, para que possam intervir posteriormente de forma criticamente ativa dentro do meio ao qual estão inseridos.

O modo como Tistu foi alfabetizado por sua mãe não condizia com o mesmo proposto pela escola, pois nada do que era ensinado partia da contextualização a que fora alfabetizado em sua casa. Tistu estava acostumado a contar andorinhas pousadas nos fios dos postes e, dessa maneira, aprendeu a somar, a subtrair e a dividir, mas na escola deparou-se com uma realidade diferente, em que o professor utilizava uma metodologia descontextualizada para poder ensinar o seu conteúdo, resultando no retorno da personagem para a casa com vários zeros no bolso. A situação causou em Tistu um sentimento de angústia, pois era visto como diferente por todos ao redor por não ser como as outras crianças de sua idade. “— Não é como todo mu-un-undo! Tistu não é como todo mu-un-undo!” (p. 23).

Sr. Papai e Dona Mamãe, diante dessa situação, ficaram muito desapontados e preocupados com a educação de seu filho herdeiro, pois suas grandes expectativas em relação ao futuro que programaram a Tistu por meio da escola foram quebradas, deixando-os arrasados e desorientados. Mediante a isso, Ercília (1978) ressalta que os pais, muitas vezes, agem de maneira egoísta uma vez que não levam em conta as respectivas individualidades dos filhos e raciocinam de acordo com suas próprias necessidades como se fossem proprietários dos mesmos, em vez de serem simplesmente seus guias que orientam e mostram diferentes caminhos que podem ser traçados. Por não haver adaptação da personagem ao método de ensino oferecido pela escola, os pais de Tistu encontraram a solução de ensiná-lo como ser “gente grande” a partir de ensinamentos que seriam adquiridos por

meio da observação na prática com pessoas diferentes para que atingisse maturidade suficiente para ser capaz de administrar o negócio da família por conta própria um dia. Evidencia-se no trecho:

[...] – Ele aprenderá as coisas que deve saber, olhando-as com os próprios olhos. Ensinar-lhe-ão, no local, a conhecer as pedras, o jardim, os campos; explicar-lhe-ão como funciona a cidade, a fábrica, e tudo que puder ajudá-lo a tornar-se gente grande. A vida, afinal, é a melhor escola que existe. Vamos ver o resultado! (p. 24-25).

A primeira lição de Tistu foi de jardinagem com o Sr. Bigode, o prestativo jardineiro da casa. Sr. Bigode encarregou Tistu de encher vasos de terra e enfiar o polegar no meio deles para fazer um buraco e graças a isso, algo incrível o surpreende. Tistu com seu pequeno polegar fez florescer os vasos com menos de cinco minutos e Sr. Bigode ficou maravilhado com seu dom especial e disse-lhe que possuía o polegar verde. O talento oculto da personagem revelou de fato que ela era diferente das outras crianças como haviam dito. O polegar verde de Tistu era um dom que o fazia especial e o distinguia dos demais a sua volta e por esse motivo, Sr. Bigode aconselhou a Tistu que o mantivesse em segredo, pois talentos ocultos podiam despertar curiosidade e inveja nas pessoas.

Nessa passagem da obra, percebe-se que o autor dá o seu primeiro passo. Maurice Druon (2004), por meio da ecocrítica, induz o leitor a pensar conscientemente sobre o meio ambiente, utilizando o dom especial da personagem Tistu como pretexto para alcançar seu objetivo, tendo em vista que o ambiente está sofrendo com os impactos das ações humanas.

Em suas próximas lições, a personagem Tistu conhece o braço direito de seu pai na fábrica de canhões, o explosivo Sr. Trovões e, posteriormente, Dr. Milmales, diretor do hospital de Mirapólvora. Sr. Trovões fora encaminhado a dar-lhe uma lição sobre ordem, mostrando que para se obtê-la fazia-se necessário punir a desordem. Juntamente a Sr. Trovões, Tistu vai ao primeiro edifício em que a ordem era mantida, a cadeia de Mirapólvora, construção esta que possuía horríveis pontas de ferro por toda parte, fazendo com que a personagem ficasse inconformada, pois mesmo que fosse para prender as pessoas que praticavam o mal, para Tistu, elas não mereciam ficar mantidas em um lugar de aspecto tão triste. Para Tistu, as coisas estavam em ordem quando as pessoas estavam bem alimentadas e felizes. Por isso, não fazia sentido ensinar a ordem impondo a feiura da cadeia e a sua infelicidade aos homens. A fim de tornar a cadeia um ambiente melhor para os presos da cidade de Mirapólvora, Tistu retorna à prisão escondido e, com seu pequeno polegar, faz as mais belas flores brotarem naquele local, transformando a cadeia em um lugar tão bonito que os presos não sentiriam mais vontade de fugir.

Tistu exerce um papel fundamental na obra por promover a ecocrítica, pois compartilha um novo modo de pensar a realidade. O papel da ecocrítica, no texto literário, visa representar a natureza, exaltar suas qualidades e, também, levar o leitor a pensar criticamente sobre suas ações que interferem no espaço ambiental, por vezes, de forma irreversível, que sofre por impactos da degradação das atividades humanas sobre o mesmo. Portanto, a ecocrítica, sendo o estudo da literatura e do ambiente físico, preocupa-se em problematizar a relação existente entre o ser humano e o meio ambiente, focando na importância de garantir a sustentabilidade do planeta, por meio da preservação ambiental, tendo em vista que a ação do homem interfere no espaço em que vive.

O Dr. Milmales, um homem sábio e bondoso, cuidava da vida das pessoas e apresenta o hospital a Tistu em sua nova lição, mostra a ele os aparelhos, as medicações e, por fim, o quarto de uma menina doente, que mais tarde veio a melhorar graças à bela atitude da personagem de dar-lhe um jardim, o seu maior desejo. Tistu também vai ao Jardim Zoológico, visita as favelas com Sr. Trovões, e por onde passava, deixava a sua marca, fazendo, então, brotar os mais variados tipos de flores por toda a cidade.

Fica nítida a necessidade de mudança, de posição e pensamento, a fim de deixar em segundo plano o interesse econômico, respeitando o espaço ambiental, desenvolvendo atitudes que sejam sustentáveis e que contribuam para a qualidade de vida da nação. A ecocrítica, na obra, está representada na ação do homem sobre o meio em que vive. A expansão das cidades, o desmatamento, a poluição e outros fatores responsáveis para a degradação do meio ambiente ameaçam cada vez mais a vida no planeta e dos seres que nele habitam.

Em certo dia, ao ouvir todos da cidade de Mirapólvora comentando sobre uma guerra, Tistu recorre ao Sr. Bigode para saber o que ele pensava a respeito. Sr. Bigode, espantado sobre o interesse do pequeno garoto no assunto, diz-lhe que é contra e que guerras poderiam aniquilar grandes jardins causando muita destruição. A personagem, em sua pequenez, faz mais uma vez algo grandioso. Seu próximo feito consistiu em impedir a guerra que poderia causar muita tristeza para as pessoas. Tistu foi à fábrica de seu pai durante a noite e, com seu pequeno polegar, fez florescer os mais diferentes tipos de flores dentro dos canhões que seriam utilizados na guerra. “Os canhões de Mirapólvora haviam atirado, não resta dúvida; mas haviam atirado flores.” (p. 76). Sr. Papai e Sr.

Trovões, lamentam o não acontecimento da guerra, pois esperavam que a venda dos canhões seria um grande investimento e Tistu, sentindo-se culpado, então, revela o seu segredo.

A ecocrítica, sendo o estudo da literatura e do meio ambiente, apresenta um novo ponto de vista, em que as diferentes formas da literatura abordar o espaço ambiental podem ser analisadas com o propósito de se repensar a realidade contemporânea. A obra, neste momento, evidencia que os homens, movidos por sua ganância, também são os responsáveis pelas maiores catástrofes que acontecem no mundo. A personagem Tistu, insatisfeita com esta situação, questiona-se: "Bem que eu pensava que a guerra era uma coisa horrível, disse Tistu consigo mesmo. Pois a gente pode perder um país como quem perde um lenço." (p. 64). Tistu sabia que a guerra era algo ruim e, por este motivo, quis interceder para que a alegria se instaurasse novamente na vida das pessoas, porém, ele não consegue compreender que a arrogância das pessoas adultas poderia ser maior do que as suas necessidades de sobrevivência.

"Eis como são as pessoas grandes, dizia consigo mesmo. O Sr. Trovões me afirmava que todo mundo era contra a guerra, mas que era um mal inevitável, contra o qual não se podia fazer coisa alguma. Eu acabo de impedir uma guerra. Eles deviam estar contentes, em vez de se zangarem!" (p. 78-79).

Apesar do ocorrido, a cidade de Mirapólvora nunca mais fora a mesma depois dos feitos de Tistu e o jardineiro transbordava-se de orgulho do pequeno garoto, pois sabia que ele era o responsável pelas grandes mudanças e que suas ações estavam transformando o mundo em um lugar melhor para todos estarem sempre em harmonia. Ambos possuíam forte ligação um com o outro. A cidade, que antes se chamava Mirapólvora, passou-se então a se chamar Miraflores.

Em análise, a personagem Tistu faz florescer os mais variados tipos de flores durante toda a narrativa, portanto, é possível perceber que a intenção do autor é também promover, através da ecocrítica, a consciência ecológica por meio de sua obra, visando à necessidade de harmonia entre o homem e ambiente natural. De acordo com Ercília Macedo (1978):

A simbologia da cor verde está intimamente ligada à ideia central da obra e é integrante da mesma, no que se refere à reintrodução da esperança/renovação (reverdescimento, alegria) no universo agressivo, cinzento, poluído e enlutado, através de impressões digitais misteriosas e também na recondução das "sementes" que estão por toda parte, para a germinação do bem (MACEDO, 1978, s/n).

Apesar de sua idade, Tistu era uma criança muito corajosa, sua bravura e desejo por mudança da realidade que o cercava o torna um símbolo a ser seguido. Druon (2004) procura despertar no leitor a mesma visão que a personagem tinha, mostrando que é possível agir com pequenos feitos e provocar grandes mudanças para combater as feridas do mundo. O ápice da obra "O Menino do Dedo Verde" acontece quando Tistu fica chateado com o falecimento de Sr. Bigode e decide construir uma enorme escada de flores que o levasse até o céu para que pudesse finalmente encontrá-lo. E é revelado, então, que a personagem era mais especial do que se pensava, Tistu era um anjo.

3.1 A OBRA NO ÂMBITO ESCOLAR

No âmbito escolar a obra "O Menino do Dedo Verde" pode ser trabalhada pelo educador com o propósito de se abordar temáticas variadas como autoestima, a aceitação, o respeito às diferenças, a tolerância e a identidade dos sujeitos. Também é possível discutir a sociedade e a forma como ela está estruturada, de modo que os discentes reflitam sobre justiça e questões que envolvem o contexto social ao qual estão inseridos. Outras abordagens possíveis a partir da leitura desta obra também seriam a fantasia, estética, linguagem poética e, principalmente, a preservação do meio ambiente e ecologia, pois, de acordo com Menezes (2012):

Nas últimas décadas as questões ambientais ganharam uma maior relevância na nossa sociedade, inclusive nos meios estudantis, onde, principalmente o educador, teve de atualizar-se através da obtenção de informações e aprendizado que o qualificasse a desempenhar, da melhor forma possível, o seu papel nessa nova realidade da educação. Esta educação estimula o aluno a olhar ao seu redor, também ensina que ele é parte integrante do meio, e é neste ponto que a educação ambiental entra

na vida escolar desta criança, oferecendo a ela a possibilidade de entender e interagir com o meio em que habita, com respeito e consciência (MENEZES, 2012, p. 11).

Leva-se em conta que uma escola não deve estar apegada a ideias preconcebidas, os métodos de ensino utilizados devem ser analisados e experimentados com o principal objetivo de acrescentar melhorias ao ensino dos alunos, mas sempre a serviço do aprendizado e não de modismos que iludem e cerceiam a liberdade. É preciso romper as barreiras presentes entre professores e alunos, considerando que toda aprendizagem implica em ação. A criança aprende fazendo, falando, argumentando, convivendo, compartilhando e brincando.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, com este artigo, que a literatura é a porta de entrada para o mundo. A literatura infantil, por sua vez, embora destinada às crianças, transmite ensinamentos valiosos que cativam o leitor de todas as idades. A literatura espelha a alma do autor, forma a identidade do leitor e através das palavras, é possível adentrar em seus mais profundos dilemas pessoais, adquirir conhecimentos e viajar para todos os lugares usando a imaginação.

A obra “O Menino do Dedo Verde” traz uma nova forma de raciocinar a vida. A mensagem transmitida por meio de uma linguagem simples destinada ao público infantil é de que todos podem ter também o “dedo verde” da personagem principal, bastando procurar transformar positivamente a realidade em que se vive a fim de tornar o mundo um lugar melhor para todos. Tistu viera ao mundo para fazer a diferença e mudar a perspectiva das pessoas sobre a realidade.

A personagem embora fosse pequenina, era muito sábia e sua enorme compaixão pelo próximo revelava a pureza de seu coração. Metaforicamente, Tistu não semeava apenas flores, mas alegria, paz, amor e união por onde passava. A obra tem como cunho resgatar os valores perdidos na sociedade e levar o leitor a refletir sobre suas atitudes para com seus semelhantes. Tistu era filho do homem mais rico da cidade de Mirapólvora, o dono da fábrica de canhões que possuía o maior espaço do mercado bélico mundial, em contrapartida, questionava a guerra, seu significado para os homens da política e para os homens que construíam armas. Um menino que não consegue aprender. Quando ele começa a ter aulas com pessoas da comunidade, percebe que existem muitos problemas no mundo e depara-se, então, com a desordem, enfermidades e miséria. Mediante a isso, o ingênuo menino resolve combater os problemas existentes fazendo crescer flores por toda a cidade.

REFERÊNCIAS

MACEDO, Ercília. **O Menino do Dedo Verde: temática e simbologia**, 1978. Disponível em: <<http://www.erciliamacedoescritora.com.br/O-menino-do-dedo-verde.pdf>> Acesso em: 21 de maio de 2017.

DRUON, Maurice. **O Menino do Dedo Verde**; trad. de D. Marcos Barbosa/ilust. de Marie Louise Nery. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. Disponível em: <http://www.positivoarapoti.com.br/arquivos/livros/8EF-1B-o_menino_do_dedo_verde.pdf> Acesso em: 21 de maio de 2017.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história literária**. São Paulo: Ática, 1989.

TUFANO, Douglas. **Estudos de literatura brasileira**. São Paulo: Moderna, 1948.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

PINTO, Francisco Neto Pereira; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Contribuição da ecocrítica ao ensino de literatura**. Disponível em: <<http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/viewFile/808/832>> Acesso em: 21 de maio de 2017.

MENEZES, Cássia Maria Vieira Martins da Cunha. **Educação Ambiental: a criança como um agente multiplicador**, 2012. Disponível em: <<http://maua.br/files/monografias/completo-educacao-ambiental-crianca-como-agente-multiplicador-280830.pdf>> Acesso em: 27 de maio de 2017.

SILVA, Ezequiel T. da. **Leitura & realidade brasileira**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MC/SEF, 1998.

MELLO, Prof. Dr. Cláudio; CUNHA, Prof. Dr. Antonio Henriques. **Literatura como prática social em contexto escolar**, 2008. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/009/CLAUDIO_MELLO.pdf> Acesso em: 21 de maio de 2017.

MELLO, Cláudio José de Almeida. **Integração de saberes na formação do leitor**, 2011. Disponível em: <<http://sites.unicentro.br/wp/literaturaeeducacao/pesquisas/concepcoes-de-educacao-no-ensino-de-literatura/>> Acesso em: 21 de maio de 2017.